O TIROCINIO

N.º 49 | BARCELLOS, 22 DE ABRIL DE 1883 | ANNO I

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA

LUIZ DE QUILLINAN

New Castle on Tyne, 4 de abril de 1883.—Ao sr. Jacob Bright, M. P.—Casa dos communs, Londres.

Senhor,—A infundada accusação por vós feita, em 3 do corrente, na casa dos communs, não sómente contra o governo portuguez, mas igualmente contra a nação inteira; os insultos que como homem politico irresponsavel, acabaes de dirigir a um paiz secular o qual o sr. Gladstone, o veneravel primeiro ministro da Inglaterra, politica e justamente affirma ter sido, desde longa epoca, um dos mais fieis e mais leaes alliados da Inglaterra, são indignos de um homem politico respeitavel, de qualquer cavalheiro, e sobre tudo do filho de um poderoso paiz como é a Grã-Bretanha. Na falta de sãos argumentos, preferis empregar insultos. Terminaes a accusação contra Portugal, dizendo:—Não acredito que um ministro inglez possa collocar a entrada do magnifico paiz, o Congo, nas mãos de uma potencia europeia considerada em bancarrota para possuir, por qualquer qualidade, o mesmo paiz. Esta insustentavel asserção prova-me que vós proprio deveis ser considerado em bancarrota de todos os principios de cortezia; e por isso termino esperando que o vosso descosido e offensivo discurso contra um honesto e illustre povo europeu, cuja fama de valor e de grandes feitos echoou por todo o mundo, muito tempo antes que fossem ouvidos os da Inglaterra, não evitará os dois governos amigos de levar a effeito um equitativo e estavel accordo respectivo á questão sujeita.

Envio-vos a minha morada em Londres, onde, em poucos dias, poderei dar-vos qualquer explicação que vós desejeis sobre o conteùdo d'esta carta.

Sou vosso obediente servidor.—Major *L. de Quillinan*=45, Upper, Gloucester-place, Portman Square —Londres

Portugal foi ultrajado, vilipendiado, em pleno parlamento inglez, por J. Bright—um pobre de espirito, mais pobre ainda dos sentimentos d'honra e de dignidade, que devem ser o timbre de todos aquelles, que tenham em alguma conta os foros de cidadãos d'uma nação culta.

Manchester não pode ser incriminada por ter mandado ao seio do parlamento Jocob Bright, nem é justo que compartilhe do odio, que do intimo d'alma votamos a este infame calumniador, que deslustrou, para sempre, com o seu affrontoso discurso, o nome, que o mandato politico de um grande povo havia tirado da obscuridade.

O nome de Luiz de Quillinan conquistou a immortalidade na historia, e as dedicações enthusiasticas de todos aquelles, em cujos peitos bata um coração de portuguez.

O protesto, justa e energicamente, lavrado por este valoroso defensor da honra nacional, contra a insolente e maudita affronta do mercador agiota de Manchester, foi, para este, uma lição e um castigo severissimos e, para a historia da humanidade, o documento mais accentuadamente patriotico que o presente seculo tem produzido.

Ante as nobres e sympathicas manifestações, que, n'esta villa, se succederam á leitura da carta que hoje adorna a primeira pagina d'este jornal, não podia esta redacção emmudecer sem trahir os sentimentos patrioticos de que se acha animada.

Resolveu, portanto, consagrar o presente numero do *Tirocinio* ao heroico campeão da dignidade portugueza.

E' pequena a homenagem, mas é cordealissima.

A REDACÇÃO

CARTA-MENSAGEM

MAJOR LUIZ DE QUILLINAN:

A nobre carta, que dirigistes ao deputado Jacob Bright, é um desaggravo solemne da honra da nacionalidade portugueza.

O vosso procedimento attesta ao mundo que o heroico Portugal tem filhos nobilissimos, que sustentam briosamente a honra do nome portuguez.

Um povo, que tem o sentimento profundo da sua dignidade e que tem a coragem de a sustentar valorosamente, não póde recear que a grande nação ingleza reconheça a ligitimidade das pretenções espoliadoras d'uns ambiciosos negociantes, tão egoistas como insolentes.

A força dos povos está menos no seu poder material, que na sua honra; e a historia de Portugal é a epopêa sublime da honra.

Vós sois, no seculo XIX, um legitimo representante do legendario cavalheirismo portuguez.

Honras a vossa patria, e sois o orgulho dos vossos compatriotas.

Ao valoroso campeão da honra de Portugal aperta fraternalmente a mão o povo de Barcellos, representado pelos abaixo assignados.

Barcellos, 15 de Abril de 1883.

AFFONSO DA SILVEIRA PEREIRA BRAVO.

(Seguem-se 500 assignaturas.)

BARCELLENSES:

A honra da nossa patria foi gravemente ultrajada no parlamento inglez.

A vileza da affronta só tem egual na covardia do insulto.

Jacob Bright desceu tanto, que se deshonrou a si para nos affrontar a nós.

Miseravel representante de odiosas especulações—só mereceria o nosso desprezo, se não fosse membro da representação nacional d'um grande povo.

Escravo ignobil de vis interesses mercantis—foi um calumniador tão baixo, que seriamos uma *nação desprezivel* se o não desprezassemos a elle; seriamos *bancarroteiros da honra*, se a sua tivesse cotação entre nós; seriamos *megreiros*, se para nós a sua pessoa fosse de algum valôr; seriamos *ignorantes, corruptos, devassos*, se—tendo a consciencia da nossa alta dignidade nacional—não esmagassemos com o nosso desprezo tão infames calumnias.

Simplesmente homem—os seus insultos valiam tanto como a sua pessoa, e só elles *são eguaes a elle*; representante d'uma grande nação—esses insultos não são os de um povo inteiro, que não póde tomar perante a historia a tremenda responsabilidade de tão inaudita covardia, mas as de um representante da Inglaterra, que Portugal não póde desprezar sem se desconsiderar a si mesmo.

Só a investidura politica que lhe deu um grande povo o podia elevar á altura da nossa consideração.

Fomos offendidos, mas fomos desaffrontados.

A' grande offensa correspondeu o heroico desaggrave.

Não foi o governo que desaffrontou a nação:—foi a nação que se desaffrontou a si mesma.

Luiz de Quillinan foi mais que um homem:—foi um povo.

Honrando-o, honramo'-nos.

Onde está o direito de cidadão portuguez, ahi está o dever da gratidão.

Desde o real até ao milhão, tudo póde ser egualmente fundido no aço d'uma espada d'honra ao denodado campeão da dignidade nacional.

Offereçamos-lh'a.

Barcellos, 16 d'abril de 1883.

AFFONSO DA SILVEIRA PEREIRA BRAVO

A subscripção está aberta nas casas dos ex.mos srs.:

Manoel Antonio Esteves.
Manoel José Ferreira Ramos.
Domingos dos Santos Ferreira.
Bento Augusto da Silva Cardoso.
Thomaz José d'Araujo.
Manoel Maria de Lemos de Vasconcellos.
João Maciel.
Domingos de Figueiredo.
Diogo de Magalhães.
E na redacção do TIROCINIO.

BEM adormecidos estão os antigos brios da nação portugueza, e bem quebrada de forças e enervada a energia expansiva de nossos antepassados, que tanta gloria e tão vastos dominios nos conquistou, tornando o nome portuguez o mais conhecido e o mais respeitado entre os povos do seculo XVI. Uma inercia, desconsoladora e desesperada tem sido desde muito o tristissimo epilogo da tão maravilhosa epopêa, que desenrolamos sobre o vasto e, apesar d'isso, bem acanhado theatro do mundo, epopêa de que pouco mais nos resta do que a memoria, e esta devida á immortalidade que Camões lhe deu nos *Lusiadas*.

Cahidos assim tão baixo de nossas glorias passadas no mais completo marasmo, e que devido sobretudo á falta de energia, de dignidade, e de patriotismo em nossos governos

Que uma fraco rei fez fraca e forte gente,

seremos um povo condemnado á morte, e já em via de putrefacção, indifferentes a todos os insultos, insensiveis a todos os aggravos, sem esperança alguma de reviviscencia?... Ai de nós se assim fôra!... Mas não, que ainda gira em nossas veias o vivido sangue de nossos maiores, como acaba de attestal-o, á face do mais poderosa nação do Occidente, lembrando os ousados reptos dos portuguezes d'outr'ora, o valente major Luiz de Quillinan, repellindo, com nobre hombridade e com justa indignação, as injurias e insolencias sobre Portugal babadas no parlamento inglez por um resnento *bulldog* de Manchester, e castigando por ellas com rijo tagante o rabido animal, e como por modo indiscutivel o testemunham os applausos em barda, com que de todo o Portugal recebida a heroica acção do nosso illustre compatriota.

Honra, pois, a este e honra ao velho Portugal, que á sua voz tão nobremente indignada accordou do somno profundo que dormia!...

RODRIGO VELLOSO

O poder real d'uma nação está mais na elevação intellectual e moral dos seus cidadãos, do que na importancia das suas riquezas e no desenvolvimento dos seus progressos materiaes.

Os homens de caracter são a consciencia da sociedade a que pertencem, na phrase d'um grande pensador.

Uma nação, que tem filhos como o major Luiz de Quillinan e que sabe orgulhar-se d'elles e estremecer d'enthusiasmo ao rememorar seus luzentissimos feitos, póde encarar o futuro serenamente, confiadamente.

* * *

Na religião do amôr da patria ha, tambem, o culto pelos seus grandes homens—novos santos da civilisação, como ha pouco lhes chamou um dos mais brilhantes espiritos da França.

E cumpria que assim fosse.

Se o amor da patria é o laço, que liga fraternalmente entre si os homens d'uma nação, esse laço deve ser todo feito dos mais preclares exemplos das grandes virtudes sociaes.

Esses offerecem-nos os grandes homens, cujas obras enchem de luz o meio moral em que vivem, e constituem o mais grandioso legado da humanidade.

A patria, em os honrar, paga uma grande divida de gratidão, e offerece á veneração das gerações os prototypos das mais bellas manifestações da humanidade, para que lhes sejam guia segura na sua marcha para a perfectibilidade social.

* * *

O procedimento de Luiz de Quillinan offerece tres formidaveis exemplos:

de amor da patria;
de valor; e
de elevação de caracter.

A homenagem, que a patria lhe consagrar, deve ter o cunho

da perduravilidade;
do enaltecimento de qualquer d'estas virtudes; e
da consideração particular para com tão benemerito cidadão.

Lembro, pois, aos poderes publicos do meu paiz a creação d'um premio nacional, destinado a galardoar o alumno de qualquer das nossas escholas militares, que mais se distinguir pelo seu verdadeiro merito, valôr e altas virtudes civicas.

Barcellos, 18 d'abril de 1883.

LUIZ DE NOVAES

AS phantasticas terras africanas, cheias de perigos e de lendas, uberrimas de vegetação e de miasmas, sam, desde uma certa epocha, o ponto de orientação das correntes civilisadoras da Europa.

Esse *continente mysterioso* tem sido abalado por vezes pelas passadas firmes e ousadas de exploradores modernos, que teem por nome Speke, Levingstone, Nactingale, Capello, Ivens, Serpa-Pinto, Stanley e Brazza.

A região de Soudan, tam rica e tam fertil, tem preoccupado a attenção da maior parte d'esses evangelisadores do progresso.

Sendo esta região impenetravel pela parte septentrional, ou paizes de Maghreb e pelas visinhanças do Senegal, attentos os obstaculos oppostos pelo mahometismo e pela natureza insalubre do solo, convergem sobre o Congo, como via de mais facil communicação, as vistas das principaes nações do nosso continente.

E' por isso que se nota um conflicto eminente entre inglezes e francezes, povos que mais aspiram a este predominio, representados por Stanley e Brazza e de que Portugal soffre as consequencias como nação de pequena importancia, apesar dos seus incontestaveis dominios nas margens do Zaire.

A lucta pela existencia—*struggle for life*—é uma lei sociologica:—o mais fraco tem fatalmente de succumbir e a nação portugueza será immolada, como Baudin, nas aras do direito.

Ora a França e a Inglaterra arrogam-se aquella presa, e, para que se não estranhe o caso e emquanto o exigirem as conveniencias internacionaes, insurgem-se contra Portugal—o velho decrepito—, chamando-lhe paiz negreiro e incapaz de qualquer iniciativa de civilisação sobre aquellas paragens. Não affirmamos a nossa capacidade de levar o germen mais fructificante de progresso áquellas ignotas regiões: mas podemos provar sobre os terrenos do Zaire direitos como não tem nenhum outro paiz.

Os nossos *fieis alliados*, os inglezes, cujo egoismo é proverbial, são os que mais odeiam os vestigios do nome portuguez n'aquellas possecções.

Que o diga Jacob Bright, que, na camara dos communs em Londres, acaba de manifestar claramente o grau da intransigencia britanica.

O nosso governo, como uma das instituições mais inuteis do paiz, deixou correr os marfins e não teve uma unica palavra, por mera formalidade sequer, que enviasse ao parlamento inglez.

Felizmente a nação, que todos julgavam repousando eternamente no sarcophago dos mortos, galvanisou-se com a attitude energica de um dos seus filhos dilectos—o major Luiz de Quillinan; e protestou, pela sua mocidade, pelos seus municipios, pelas suas associações e por cada um dos seus habitantes, contra as insinuações torpes e interesseiras dos onzenarios de Manchester.

N'este protesto póde o physiologista reconhecer um symptoma de certa vitalidade:—o coração da patria palpitar com muito maior energia.

Que possam os imprudentes como Jacob Bright estimular a sensibilidade nacional no caminho do seu engrandecimento, para desejarmos, de quando em quando, cantorios potenciaes da força do denodado major de Quillinan—um benemerito.

Barcellos, 19 d'abril 83.

MARTINS LIMA.

A LUIZ DE QUILLINAN

Ser grande é ser assim!—Mil vezes bravo!
Segnou-te a historia o nome e a patria—um culto!
Quando á porta nos bateu o insulto,
Já trazia na fronte o desaggravo!
Ser grande é ser assim!—Mil vezes bravo!

Barcellos, 20—4—83.

JOAQUIM MALHEIRO.

NÃO são os exercitos, não são as esquadras, não são os canhões, não são os seus cofres repletos de ouro, que tornam uma nação digna de respeito e de admiração do mundo. Não: quando muito, toda essa musculatura de força póde tornal-a temivel; póde mesmo guindal-a á altura de aterrar covardes com o estrondo da sua artilheria, ou offuscar imbecis com o brilho dos seus milhões.

Um povo só é digno de respeito, quando alicerça a aureola de seu esplendor na sua dignidade moral; quando baseia a sua gloria nos esforços da sua vitalidade, no seu orgulho, no cavalheirismo das suas tradições.

Nem todos os povos podem ser poderosos, mas todos podem ser grandes; senão grandes em elementos de força e extensão territorial, grandes, ao menos, pela heroicidade de seus filhos.

Não se é grande sem se ser digno. Affirmar a nossa dignidade é um dever individual que nos assiste a todos; e é uma gloria quando temos o direito de o fazer, em nome de uma patria, que tanto confiou de nós.

Não se ouve muito longe o troar de mil canhões; mas a vóz soberba do offendido, que orgulhosamente repelle a affronta que lhe cuspiram, rebenta por toda a parte, enchendo o espaço, e tanto mais alcança quanto mais *pequeno é o* offendido—em proporção do poderio do offensor.

Portugal é uma nação territorialmente pequena: mas é grande pela sua historia; é grande pelas suas tradições cavalheirosas; é grande, mesmo, por ter subjugado a sua pequenez e levado o seu nome aos confins do mundo; é grande, emfim, porque de todos os tempos tem sido a patria de homens, que teem sabido manter a sua dignidade e firmar o seu orgulho.

Mas descancem em paz todas essas legiões d'heroes, que o tempo varreu do presente e amontoou no passado, gravando-lhe, em cima, o facho scintillante da nossa gloria: descancem, que novos lidadores se levantam altivos para gravar, em caracteres immorredouros, mais uma pagina da nossa historia.

Luiz de Quillinan é o novo obreiro; é o novo campeão da nossa dignidade. Luiz de Quillinan, com uma linguagem digna de nós, lavou o insulto porce, que um miseravel lançou sobre a nossa nacionalidade. Fez o seu dever:—para isso é que a patria lhe havia dado aquelle logar d'honra; mas nem por isso ella deve deixar de lhe ser reconhecida. Não por ella, que não precisa—o seu galardão está na sua consciencia, a sua gloria está na acção que praticou—mas por nós mesmos, para satisfação e orgulho nosso.

E—se o nosso governo não póde nem, talvez, deve collocar-se ao seu lado—póde e deve o povo, póde e deve a nação, como um só individuo, dar-lhe um testemunho bem frizante do muito que lhe devemos; e—se a nação inteira e compacta assim o não comprehender—não cumpre o seu dever, como Luiz de Quillinan cumpriu o seu. Mas a cada um o seu merito. Cumpra-o quem assim o comprehender; e eu orgulho-me de ser filho de uma terra, em que, em massa, se levantou para energicamente protestar pela sua dignidade e saudar o nosso compatriota.

A. de M.

NA vida dos povos ha dias que valem por seculos. O dia 4 de abril de 1883 foi, sem duvida, um d'esses; porque ao insulto grosseiro e covarde, atirado ás faces impollutas de uma nação independente por um ignaro estrangeiro, respondeu, heroica e valorosamente, um filho d'essa nação, desaffrontando-a.

E, quando assim se responde a um insulto, o povo offendido certifica a sua dignidade e prova o seu prestigio.

O major Luiz de Quillinan, desaffrontando Portugal dos insultos que lhe arremessou o deputado Bright, demonstrou a sua dedicação no mais alto grau pela sua patria, e deu um exemplo de civismo, digno dos descendentes de

Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

E era mister que assim fosse, porque o povo portuguez nunca consentiu que se manchasse o seu nome, nem—jamais—deixará de occupar o seu logar de honra na communhão dos povos civilisados. Não, porque tem a consciencia de seu valor e da sua independencia; e não, porque os brios do povo portuguez não consentem um insulto á sua patria.

E é por isso que os portuguezes se levantam hoje, como um só homem, para soltar um *bravo* d'enthusiasmo ao seu valoroso compatriota Luiz de Quillinan.

Este nome fica gravado profundamente no coração de todos os portuguezes, como vae ser gravado em uma das paginas da historia, junto d'aquellas que nos recordam os homericos feitos dos nossos heroicos antepassados.

Fique-se, pois, sabendo que não é desprezivel a patria de Camões, como menos delicadamente disse o indigno filho da patria de Shakspeare. Se alguem merece ser desprezado, é, sem duvida, o deputado Jacob Bright; e decerto o seria, se não fosse representante de um grande povo.

Barcellos, abril de 1883.

ANTONIO R. CARRASO PINTO.

ENTRE os nomes mais gloriosos da nossa historia hade figurar mais um—o de Luiz de Quillinan, o valente e nobre desaggravador da honra nacional.

E foi valente, porque Jacob Bright foi um covarde; e foi nobre, porque Jacob Bright foi um infame.

Foi covarde, porque—tendo a consciencia do poder material da sua nação—insultou um povo, pobre, mas honesto; pequeno, mas digno. Foi infame, porque calumniou, atrozmente, a nação, que—se hoje é, apenas, uma das mais fieis alliadas da Inglaterra—já, em tempos, lhe extendeu a mão protectora.

Honra, pois, ao intrepido major Luiz de Quillinan; e honra á patria que tal filho tem!

Barcellos, 18—4—83.

JOAQUIM SUCASAUS.

A LUIZ DE QUILLINAN

QUANDO o telegraphe nos transmittiu a vossa cavalheirosa carta em resposta ás insolencias do mercantilismo inglez, representado na Camara dos Communs por Jacob Bright, pulsou cheio de enthusiasmo o grande coração da patria. Desde o Minho até ao Guadianna repetiu-se o vosso nome, com respeito e veneração. E' que vós no seio da orgulhosa Inglaterra desaffrontastes o nosso paiz, covardemente insultado por um atrevido bretão, e, ao mesmo tempo, vos elevastes á altura dos heroes da epopéa nacional!

Se foi grande a offensa, a reparação tambem foi digna e cavalheirosa. Vós symbolisaes a bravura e o cavalheirismo portuguez! O vosso nome será escripto com orgulho no grande livro da historia, como licção de acrisolado patriotismo.

Nos fastos da humanidade, o nosso glorioso paiz occupa um honroso logar.

Quando as ambições britanicas se circumscrevam unicamente á sua Ilha, Portugal, cortando as solidões do oceano, assombrava o mundo com as suas homericas façanhas.

Quando a maior parte das nações da Europa se entregavam ás luctas fratricidas, aos interesses dos seus orgulhosos potentados e na Allemanha se proclamava a liberdade da consciencia pela voz potente de Luthero, fazendo-se uma hecatombe horrivel em nome da religião, Portugal trazia para a communhão européa a India, Africa e uma parte d'America!

Nenhum paiz tem concorrido mais para a civilisação moderna do que a nação portugueza.

O paiz, que descobriu a India, a Africa e civilisou o Brazil, tem direito ao respeito e admiração dos povos cultos. A Jacob Bright—o nosso solemne desprezo.

Se, outr'ora, foram á Grã-Bretanha cavalheiros nossos desaggravar a honra das damas inglezas, os quaes mostraram, alli, o valor e a galhardia portugueza, vós imitando o heroismo d'esses paladinos, em plena capital ingleza, tambem desaggravastes a honra e a dignidade do nosso heroico paiz.

Honra ao denodado campeão de Portugal!

Barcellos, Abril de 1883.

MANOEL DA GRAÇA PEREIRA ROÇAS

A LUIZ DE QUILLINAN

Para quem subiu tão alto, não ha força que o despenhe!
N'esta grande reverencia nacional é tua desaffronta patriotica—a mais limpida crystallisação de grandes sentimentos—consente que eu, que nada valho, mas que sou patriota, te saúde em toda a plenitude de meu enthusiasmo.

Barcellos, abril de 1883

J. ALVARES DA SILVA.

A L. DE QUILLINAN

Não acabaram ainda os grandes corações,
que enchiam de pavor as gentes e as nações.
—Anteos descommunaes—se cahem sobre a terra
sem assim mesmo existe um luctador que os força:
—da-lhes sangue e calor a vida que ella encerra,
levantam-se de novo, e luctam com mais força!

E é porisso que ao vêr, brilhantes como soes,
as alas triumphaes dos rutilos heroes,
rebenta no meu peito um jorro de coragem...

Valente militar! tomae esta homenagem:
A vós que defendeis a terra de Camões
e o heróe que embalou o tragico Marquez,
a vós que repellis a rude covardia...

. . . . . .

HEROICO QUILLINAN! a patria vos envia
a nobre saudação do povo portuguez!...

Coimbra, 1883.

A. FOGAÇA.

PORTUGAL chegou ao extremo de ser insultado por aquelles aquem outr'ora apontou, em longiquas regiões, os emporios que os tornaram grandes, ricos, poderosos!

Foi a Inglaterra que, pela bocca de um de seus filhos, nos arrojou ás faces o insulto!

Jacob Bright, no parlamento inglez entre outras cousas, que, por nojentas e repugnantes não commentamos, disse que a Inglaterra não devia admittir qualquer tratado que reconheça a ligitima soberania de Portugal no Zaire!!!

J. Bright não se lembra que Portugal tem reconhecidos direitos ao territorio da Africa Austral, comprehendido entre 8 e 16 graus de latitude, com mais de 140 legoas, para o interior.

Absorto entre sandwiches e chá verde, esqueceu-se de compulsar os documentos que nos dão o direito da soberania que não quer admittir.

Realmente causa lastima que tal insulto sahisse de uma bocca ingleza!

Dizem que nós os portuguezes protegemos a escravatura e que somos odeados pelos povos d'Africa.

E' falso.

Foi Portugal que inaugurou a liberdade do escravo, pela vóz do grande estadista marquez de Pombal.

A Inglaterra não fez mais do que seguir o impulso que lhe deu esta pequena, mas briosa, nação do Occidente.

E ainda assim, se seguiu o impulso, foi porque d'ahi lhe advinha largo proveito. Nação de mercadores, onde tudo se compra e tudo se vende, a Grã-Bretanha, acostumada a contratos immensamente leoninos, não faz nada que lhe não produza lucro.

Que o digam a India, Transwaal e outras colonias.

Emquanto a sermos odeados pelos povos africanos, esta asserção se não prima pela verdade, prima pela ignorancia da parte de *mister* J. Bright.

Bem se vê que este *gentleman* não leu as obras de Levingstone, pois que este explorador, se nos assaca calumnias que o simples raciocinio deita por terra, nos faz justiça, dizendo:—«que a popularidade da lingua portugueza é tanta na Africa, que muitas vezes nas suas travessias se serviu d'ella para ser bem acolhido.»

Ora, se os indigenas africanos nos tivessem o odio que querem dizer, por certo que o dr. Livingstone, se livraria de uzar tal idioma.

Esta opinião é insuspeita. Não é de hoje que a Grã-Bretanha nega a soberania de Portugal no Zaire. Já de ha muito que o leopardo britanico afia as garras, olhando com ardente cobiça para as melhores perolas da corôa lusitana. Mas, até agora, ainda se não tinha levantado no parlamento inglez uma vóz que exprimisse tão descabelladamente o pensamento collectivo do reino unido.

Coube a *mister* J. Bright sacudir a capa da hypocrisia, e mostrar a sua patria tal qual ella é: *soberba* e *asquerosamente avára*.

Felizmente ainda houve uma vóz, vóz de portuguez, do major Quillinan, que traduziu em generoso e patriotico brado, a nobre e ligitima indignação que tal facto levantou no povo *da occidental praia lusitana*.

Não sabemos como Quillinan respondeu á viperina e repugnante catalinaria de J. Bright, mas cremos que lhe diria: O Portugal que ouzaes enxovalhar é aquelle que com as alterosas naus abriu o caminho, que agora seguis para o Oriente; é aquelle que já trilhava os desertos das terras, cuja posse lhe negaes, quando, ainda barbaros, vos debatieis nas tragedias sanguinolentas que mancham a vossa historia; finalmente que Portugal ainda tem filhos enthusiastas pela sua patria, que respondam triumphantememte aos nojentos insultos dos John Bull da raça dos Jacob Bright.

Terminamos dando um enthusiastico bravo de gratidão, ao illustre cidadão que soube defender a patria no proprio seio de seus detractores, e pedimos venia para citar a fabula:

. . . . . .

Não se queixa dos fados; porem vendo
Vir o . . . . . animal d'infima sorte,
Ah! vil raça! (lhe diz) morrer não temo
Mas soffrer-te uma injuria é mais que morte!

Barcellos, 83.

FRANCISCO E. M. DONATO.

HÁ bem poucos dias ainda que a imprensa se occupou de relatar o insulto que Jacob Bright dirigiu não só ao governo, como tambem á nação portugueza, na casa dos communs, em Londres, e a briosa maneira porque o major L. de Quillinan desaffrontou a patria, bem como o governo do seu paiz.

Esta acção, que o nosso benemerito compatriota acaba de praticar, é, a meu vêr, a gargalhada de maior desprezo, o desmentido mais formal, a resposta mais concisa, que se podia dar á insolente asserção do homem que se arrojou a dizer em pleno parlamento inglez—que Portugal era uma nação perdida aos olhos de toda a Europa.

E' de suppor, que n'essa occasião Jacob Bright se esquecesse, que a patria de Diogo de Cam, de Vasco da Gama, de Bartholomeu Dias e de Pedro Alves Cabral, d'estes heroes que, menosprezando a vida, porque serviram a sua nação, se arrojaram a sulcar com as quillas de suas imperfeitas embarcações as vagas encapelladas de mares «nunca arados d'estranho, ou proprio lenho», ensinando não só á Inglaterra, como a todas as nações do mundo o caminho que conduzio ás, até ali, desconhecidas e longiquas plagas d'alem mar; é de suppor, que n'essa occasião Jacob Bright se esquecesse que a patria de Affonso Henriques, de João de Castro, d'Affonso d'Albuquerque, de Nuno Alvares Pereira e de João de Menezes, sempre teve e sempre ha de ter filhos que a saibam fazer respeitar.

Isto mesmo é o que o nosso brioso compatriota acaba de constatar d'uma maneira brilhante, mostrando mais uma vez, que a nação que tem a ventura de ser mãe de taes filhos, nunca se póde considerar perdida, emquanto elles sentirem girar-lhes nas veias sangue, que, em defeza d'ella, possam derramar.

E é por isso que eu humildemente venho depôr um BRAVO de enthusiasmo, aos pés do major L. de Quillinan—este pequeno tributo de veneração e acatamento ao seu honrosissimo feito.

J. AZEVEDO.

O major Quillinan é hoje uma notabilidade patriotica, que difficilmente se apagará da memoria de todos os portuguezes.

A carta que escreveu ao sr. Bright, a proposito d'umas injurias com que este sr. nos *mimoseou* na camara dos communs, é uma bofetada, sem mão, dada no orgulho da nossa *fiel alliada*.

Felizmente que ainda apparece, de onde a onde, quem não soffra o enxovalho do nome portuguez: ainda ha quem forceje por conservar illezo o brilho das tradicionaes glorias.

E é justo que haja.

Insultar um indigente que hontem foi rico, porque deixou de o ser, é praticar uma acção má; é abusar d'uma posição superior que garante a impunidade.

O representante de Manchester abusou da sua posição, insultando a honestidade de um povo, que não tem outro defeito senão o de ser pequeno hoje.

Mas o major Quillinan deu-lhe logo o correctivo, protestando com toda a energia do seu patriotismo offendido.

Que o deputado inglez saiba que as faces portuguezas ainda se tingem do vermelho da indignação, quando sentem o estallar da affronta.

Um dia, quando se escrever a historia do ultimo quarto d'este seculo, que o nome do major Quillinan figure no mesmo sopé em que estadeiam os monumentos dos nossos heroes celebres.

Por hoje, um aperto de mão ao grande militar e ao sabio diplomata.

N. D'AZEVEDO.

HÁ muito já que Portugal é considerado pelos inglezes como uma feitoria sua propria, e que nos tratam aos portuguezes quasi como um povo sujeito ao seu poder e da sua *queen*.

Têm, porem, sabido guardar as conveniencias até hoje. Explorando-nos sempre e sempre, sim, mas fingindo uma certa defferencia e affectando um certo patrocinio.

Todavia, ultimamente, um membro da casa dos communs da Grã-Bretanha, J. Bright, desembestou contra a nossa patria uma serie de injurias tão tolas, tão infundadas, que mais parecem d'um homem dementado, que d'um parlamentar que se prese.

Mas visto o silencio dos outros membros d'aquella casa e ainda mesmo o da imprensa d'aquella nação, a gente vê-se obrigada a considerar as taes phrases e as taes opiniões como a expressão genuina, exacta do modo de vêr da Inglaterra a nosso respeito.

Que os portuguezes reparem bem; e, se os nossos governos se não importarem, como parece, com a dignidade do paiz, deixando-o avassalar moral e economicamente pelos leopardos da nossa *fiel* alliada, tomem elles a peito obstar a semelhante crime por todos os meios ao seu alcance. Não nos deixemos transformar n'um Egypto do Occidente.

Se os antigos brios dos portuguezes ainda não acabaram, não é isso tão difficil empreza como poderia parecer. E eu sou levado a crer que, sobrevindo alguma conjunctura apertada, Portugal não será talvez tão facil de dominar como o paiz africano a cima citado. O resto da peninsula auxiliar-nos-ia, e não faria mais que o seu dever. Era pugnar por irmãos, pois que outra coisa somos nós os habitantes da Hespanha?..

J. Bright achou em Inglaterra um portuguez que lhe pedisse contas da sua indelicadeza e injustiça. Esse homem chama-se o major Quillinan, cujo nome ficará gravado indelevelmente no coração de todos os que verdadeiramente amam a patria.

Fiquem os inglezes sabendo, pois, que Portugal ainda não é cadaver, que o seu coração ainda pulsa valente e que, a cada J. Bright que as tortulheiras de lá produzirem, é muito provavel que o nosso feracissimo solo tenha um major Quillinan para lhe fazer rosto.

A nossa aversão, pois, á Inglaterra e a J. Bright; e um viva enthusiastico ao major Quillinan e a Portugal.

Porto, Abril de 83.

A. DE SEQUEIRA-FERRAZ

A gente sente por Quillinan uma sympathia profunda, uma dedicação illimitada, uma veneração fanatica.

Atravez da grande distancia que nos separa do brioso militar, a nossa alma contempla-lhe a fronte nobre e veneranda e vê-se envolvida n'um regosijo intimo, como se a circumdasse uma aurora de sorrisos.

E ainda ha pouco que o nome do digno major era ignorado por nós, por nós e por muitos. E hoje, hoje que por toda a parte se repercute o nome de Luiz de Quillinan, n'umas attitudes de consideração e orgulho—de consideração pelo brilhantismo d'um feito heroico e d'orgulho por ser portuguez e portuguez de lei—hoje, nas aldeias e nas cidades, nas villas e povoados, Luiz de Quillinan são duas palavras que cahem, envoltas em sorrisos, de todos os labios, que existem gravadas, em letras d'oiro, em todas as almas, que teem um altar de gratidão em cada coração portuguez!

E' como que se na ampla esphera do infinito, em noite tranquilla e formosa, um grande meteoro nos embebesse n'uma contemplação profunda.

O atrevido Bright deve sentir-se bem pequeno e humilde ante o vulto nobre e distincto de Luiz de Quillinan.

Não sabia elle que nunca o pequeno póde derrubar o gigante.

A luz da lua não póde offuscar a luz do sol.

O parlamento britanico ouviu as injurias arremessadas á face d'uma nação amiga, agora que escute as felicitações enthusiastas que essa nação envia a Quillinan, que tão brilhantemente a desaffrontou.

E é por isso que a gente, pelo brioso major, sente uma sympathia profunda, uma dedicação illimitada e, simultaneamente, uma veneração fanatica.

Braga 1883.

SOUSA RIBEIRO.

PORTUGAL, que ha quatro seculos era uma nação opulentissima, não só pelas riquezas dos seus dominios, como pelas descobertas e conquistas que fizera, está hoje reduzido á triste condição de um tutelado.

Desgraçada situação!

O facto de ter um benemerito portuguez tomado a defeza da patria, vilipendiada pelas injustas palavras proferidas por um deputado no parlamento inglez, prova, que muito embora nos falte o dinheiro e o paiz esteja nos paroxismos d'uma crise grave, ainda ha quem saiba honrar o nome portuguez.

O dia 4 de Abril é mais uma data gloriosa que a historia recordará.

Não se tracta aqui de uma simples advertencia feita ao detractor de Portugal; o protesto feito por Quillinan foi energico como rude fôra a offensa, e, aos olhos da Europa e do mundo civilisado, subimos bastante no conceito em que eramos tidos.

O nosso paiz que merecia ser considerado como uma nação civilisada, é alcunhado de *falto de tino* e outros epithetos mais ou menos offensivos para o decoro de uma nação.

E' increditavel.

Comtudo, resta-nos a esperança de que, ao lado do benemerito cidadão que desaffrontou e repellíu as injurias que se lançaram a Portugal, ha aqui um povo que, talvez quando menos se espere, saiba extirpar de vez o cancro que o corroe e avassalla.

Abril—1883

JULIO IRWIN.

PRODUZIU grande enthusiasmo em Portugal a carta ultimamente dirigida pelo major Luiz de Quillinan ao deputado inglez Jacob Bright. Grande parte da imprensa, das associações e elevado numero de particulares felicitaram o addido da embaixada portugueza em Londres, a quem magoaram profundamente as palavras dirigidas contra a sua patria, em pleno parlamento inglez.

Vêem trazer-nos um raio d'alegria estas manifestações, porque são prova de que ainda se não extinguiu o patriotismo em corações portuguezes, que desejam ardentemente ver illibado e glorificado o nome da terra que lhes foi berço; porque são o grito animador contra a incuria de governos ineptos, que deixam roubar a Portugal os mais valiosos florões da corôa, que, *por mares nunca d'antes navegados*, fora conquistar a remotas paragens.

Associando-nos, pois, a estas espontaneas manifestações, felicitamos enthusiasticamente o patriota valoroso e digno.

Porto

BERNARDO LUCAS.

Subscripção do povo de Barcellos, para offerecer uma espada d'honra ao major Luiz de Quillinan.

Esta subscripção já se elevou a somma de . . . . . 200:000 reis.

No proximo numero publicar-se-a a relação dos nomes dos subscriptores.

Continua aberta n'esta redacção.